Vazios assistenciais e impossibilidade de isolamento social em comunidades mais vulneráveis desafiam Gabinete de Crise do Ministério da Saúde. País inicia mês crítico da pandemia com a missão de colocar em prática ações de enfrentamento para conter doença

Abril decisivo contra explosão da Covid-19

» BRUNA LIMA

Mauro Pimentel/AFP - 22/3/20

Previsão da consolidação de casos em regiões mais precárias, nas próximas semanas, preocupa especialistas e coloca governo em alerta

O país inicia, hoje, o mês que carrega o maior desafio contemporâneo da saúde pública brasileira. É em abril que o Ministério da Saúde estima colocar em prática parte das preparações de enfrentamento ao novo coronavírus. Em um cenário de transmissão sustentada cada vez mais consolidado, os vazios assistenciais e a impossibilidade de isolamentos sociais em comunidades mais vulneráveis têm sido ponto preocupante e motivo de discussão do Gabinete de Crise contra a Covid-19.

Funcionária terceirizada da limpeza em uma Unidade de Pronto-Atendimento de Ceilândia, Sueli Fontenele, de 42 anos, precisa sair de casa, no Entorno do DF, e pegar transporte público todos os dias para ir trabalhar. Com os dois filhos fora da escola, viu-se obrigada a fazer mais uma despesa para pagar alguém para cuidar das crianças, já que ela e o marido, também terceirizado, não podem parar. "Minha casa é financiada, o ganho é pouco e, mesmo me arriscando todos os dias, agradeço por ainda ter meu emprego e comida dentro de casa. Mas o receio é muito grande", desabafou.

Por trabalhar em um ambiente hospitalar, Sueli conhece as regras de higienização e faz de tudo para manter o vírus da porta de casa para fora. Sua preocupação, no entanto, destoa da realidade onde vive. "Aqui, as pessoas não têm acesso à infraestrutura, saneamento básico de qualidade. Muito menos à informação". Ela acredita que, a partir do momento em que o vírus chegar à localidade, será difícil contê-lo. "As pessoas não estão cumprindo as medidas, nem têm assistência médica para toda essa gente. O jeito é ter fé porque aqui não tem isolamento social, tem, sim, esquecimento social".

A explosão de casos da Covid-19, bem como sua consolidação em regiões conectadas aos grandes centros, é o cenário estimado para as próximas semanas. "Parte desse processo já estava dentro das expectativas esperadas. A transmissão está escalonando, crescendo dentro da cidade", confirmou o secretário de vigilância em Saúde do ministério, Wanderson de Oliveira.

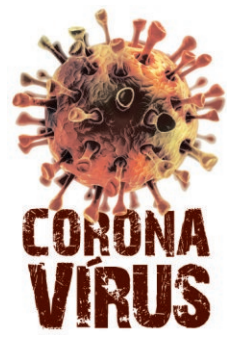
A preocupação é que, no Brasil, o epicentro da disseminação do coronavírus deve coincidir com o de outras doenças sazonais, como a dengue e a influenza. "As temperaturas começam a cair e as pessoas ficam mais aglomeradas, então, o cuidado adicional é fundamental. Se nós não fizermos todos os esforços, vamos ver situações, principalmente dessas comunidades, de circulação mais intensa", explicou.

Sinais

O aumento da procura por leitos já mostra os primeiros sinais da consolidação desse panorama. Segundo levantamento feito pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), o número de pacientes hospitalizados com síndrome respiratória aguda grave (SRAG), no Brasil, dobrou nos três primeiros meses de 2020, quando comparado ao mesmo período do ano passado. A explosão de casos, concentrada nas últimas três semanas, coincide com a chegada da Covid-19 em território nacional.

"Embora já viéssemos observando um crescimento ao longo do tempo, essa mudança muito grande nas duas últimas semanas é um forte indício de que a alta está, sim, associada ao novo coronavírus", confirmou o pesquisador Marcelo da Costa Gomes, coordenador do InfoGripe, sistema que monitora as notificações da SRAG. Aproximadamente 10,3 mil hospitalizações por problemas respiratórios foram registradas nas últimas semanas em comparação a 3,1 mil, no ano anterior.

Para a presidente da Fiocruz, Nísia Trindade, o contexto mostra que as preocupações com o fator idade devem se somar aos cuidados com os grupos mais vulneráveis socialmente. "Nós temos uma alta densidade populacional em condições habitacionais de muitas vulnerabilidades, como é o caso de muitas das nossas periferias e favelas em todos os centros urbanos do Brasil. Além disso, temos uma mobilidade urbana difícil, transportes lotados, uma série de questões que vão interferir no curso da epidemia", apontou.



Nísia acredita que esses fatores têm que ser observados com mais atenção. "Pesquisas e políticas públicas terão que olhar para essa realidade tão complexa que se resume numa palavra: desigualdade. Precisamos olhar para esse fator para pensar em estratégias de solidariedade social".

Prova de fogo

O secretário executivo, João Gabbardo, reconhece o gargalo: "A nossa grande preocupação são essas comunidades, pelo problema de acesso a saneamento, água potável e pela dificuldade de evitar aglomerações. Eles vivem e convivem em um ambiente de aglomeração, com grande chance de contaminação".

Como estratégia para conseguir suprir a demanda das regiões mais vulneráveis, Gabbardo citou alternativas como instalação de hospitais de campanha e utilização de hotéis, estádios e navios como espaço adaptado para atender a essas pessoas, "principalmente, separar, em um ambiente com mais proteção, aquelas que forem de maior risco, até para evitar esses casos mais graves nas pessoas mais vulneráveis. Isso está sendo feito, já, no Rio de Janeiro, com algumas iniciativas", informou.

O SUS terá a capacidade testada nas próximas semanas, prevê Gabbardo. "Vamos começar a ter casos de mais pessoas utilizando o Sistema Único de Saúde (SUS), o que vai forçar a resposta do nosso serviço. Para isso, nós ampliamos o atendimento da rede básica, contratamos mais médicos e ampliamos os horários de atendimento nas unidades saúde. Estamos implementando e antecipando todo o nosso cronograma de vacinas contra a influenza."

Crise pior nas Américas

» SIMONE KAFRUNI

Em videoconferência para vários países, a diretora da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) e diretora regional da Organização Mundial da Saúde (OMS) para as Américas, Carissa Etienne, disse ontem que a pandemia na região vai aumentar e piorar antes de melhorar, como ocorreu em outras nações, por conta da transmissão comunitária. Segundo ela, nas Américas, são 773 mil casos confirmados e 2.836 mortes. "A esperança deve nos alentar se seguirmos dois pilares: solidariedade e evidências científicas", disse, defendendo o isolamento social.

Etienne afirmou que a Opas está trabalhando na América para controlar a doença. "Muitos países-membros estão enfrentando o desafio de combater a Covid-19 em um contexto de desigualdade e restrição financeira", apontou. Para a diretora, a pandemia colocou os sistemas sanitários de todos os países à prova. "Precisamos assegurar que os países possam utilizar os recursos disponíveis. Estamos em tratativas com as autoridades regulatórias nacionais para alavancar recursos para produtos médicos", assinalou.

Para Etienne, a única forma de reduzir a velocidade de propagação e evitar um colapso nos sistemas de saúde é o distanciamento social. "Os países precisam adotar medidas urgentes para preparar instalações médicas temporárias. O vírus não será detido por fronteiras", ressaltou. "As medidas podem parecer drásticas, mas a única forma de evitar que os hospitais fiquem sobrecarregados é o isolamento", destacou.

Com base na experiência em países fora das Américas, Carissa Etienne assinalou que parece prudente adotar medidas de distanciamento por dois ou três meses. "Ainda não temos evidências robustas de remédios ou vacinas, por isso, essa segue sendo a melhor opção para evitar consequências mais sérias", reforçou.

Apartados e juntos

Segundo a diretora da Opas, apesar de apartados, os seres humanos estão mais conectados do que nunca. "Vamos compartilhar soluções. Nas próximas semanas, temos que trabalhar juntos, mesmo fisicamente separados. A solidariedade nunca teve um sentimento tão profundo como agora".

O diretor Ciro Ugarte destacou que a Organização Pan-Americana da Saúde vai mandar 200 mil testes de provas, sobretudo, àqueles países que não podem comprá-los diretamente. Nos próximos três meses, serão 900 mil. Ugarte alertou que o pico do contágio depende das medidas adotadas.

O distanciamento é fundamental para reduzir a carga nos hospitais e nos respiradores, reforçou o diretor Jarbas Barbosa. "A primeira estratégia é impedir a transmissão. A segunda é aumentar a capacidade de atenção, como a suspensão de todos os procedimentos que não sejam essenciais nas redes hospitalares", disse. Para desafogar os leitos de UTI, Barbosa sugeriu outras estratégias, como teleconsulta, telemedicina e atenção básica.

Braço direito do SUS

A burocratização, natural das movimentações públicas, é barreira ante as necessidades de ações imediatas que uma emergência em saúde traz. "Hoje, nosso maior desafio no Ministério da Saúde — e, tenho certeza, em todos os outros ministérios — é a burocracia típica estatal. Tem que ter, a gente preza muito, mas entre aprovar uma MP (Medida Provisória) com recursos adicionais e esses recursos se transformarem, literalmente, em empenho para pagar e poder andar, isso demora", ponderou o ministro Luiz Henrique Mandetta, durante coletiva.

Neste contexto, o Programa de Apoio ao Desenvolvimento Institucional do SUS (Proadi-SUS) tem desempenhado um papel importante para dar celeridade em determinadas ações, principalmente no que pese a gastos. Financiada com recursos de isenção fiscal concedidos a hospitais filantrópicos de excelência, a iniciativa promove melhorias das condições de saúde da população brasileira. Fazem parte dessa rede os hospitais Sírio-Libanês, Albert Einstein, Oswaldo Cruz, HCor e Moinhos de Vento.

"Em um cenário de crise, as ações precisam ser diárias e rápidas. Apesar de vinculada ao governo, a verba das isenções não passa pelo processo público de liberação, dando aos hospitais filantrópicos muito mais capacidade de ver e agir", explicou a superintendente de Responsabilidade Social no Hospital Sírio-Libanês, Vânia Bezerra.

O Proadi, segundo ela, surge como um braço direito do SUS, desempenhando um papel estratégico que permite expandir a capilaridade do sistema de maneira mais integral, igual e universal. "É uma atuação de bastidor, em que o protagonista é o SUS. Traz investimento financeiro, propondo soluções com base em organização, método e pessoas engajadas para mudar cenários de gestão, alcançar as comunidades mais vulneráveis e conseguir se preparar para enfrentar desafios", detalhou.

Fluxo contínuo

Construída para auxiliar as tomadas de decisões da equipe técnica do Ministério da Saúde, a sala onde funciona o Gabinete de Crise contra a Covid-19 é um dos projetos consolidados pelo Sírio-Libanês. É nesse espaço, planejado dentro da sede, que as ações da Saúde são centralizadas.

A estrutura contém aproximadamente 280 indicadores, permitindo a análise de diferentes cenários com filtros e níveis de granularidade até o estabelecimento de saúde. A sala de comando está sendo usada durante a pandemia de coronavírus para acompanhar todas as ocupações de leitos de internação e UTI. Equipada com diversos recursos tecnológicos, possibilita um melhor acompanhamento dos órgãos governamentais no processo de gestão da saúde.

Outra contribuição tem sido a execução da "Lean nas Emergências", uma filosofia de gestão voltada para melhoria de processos baseados em tempo e valor, desenhada para assegurar fluxos contínuos e eliminar desperdícios e atividades de baixo valor agregado.

Em tempo de coronavírus, as ações foram implementadas para preparar uma reação rápida à superlotação. "Estabelecemos a comunicação e ajudamos no preparo das unidades marginalizadas que, muitas vezes, o SUS necessita alcançar. Percebemos uma mudança radical dentro das unidades em pouco tempo, somente com essas organizações de fluxo", afirmou Vânia. Com o programa, o tempo de passagem do paciente com internação reduziu em 45% e o de paciente sem internação caiu 38%. Existem, hoje, 90 hospitais participantes e 50 UPAs 24 horas (**BL**).

» Palavra de especialista

Papel da sociedade civil

» VÂNIA BEZERRA

Não é momento para discutir a forma com que a doença chega às comunidades, com o objetivo de achar a causa. Em meio à crise, as energias precisam estar canalizadas nas consequências e no que fazer para garantir o melhor cenário na realidade de cada comunidade.

Além dos esforços das autoridades, a sociedade civil tem um importante papel, criando pequenas ações de solidariedade, entendendo como pode ajudar, mesmo de casa, para que o sabonete chegue até a comunidade, para que não falte alimento a uma família. Quando todo mundo tem um propósito, a gente se organiza. É hora de descobrir a humanidade e seria um desserviço trazer discussões que dividam ainda mais a sociedade.

Para depois dessa crise, vale discutir as causas e retomar a necessidade de investimento, principalmente, em educação. Eu vim de comunidade. Sei que o que vai mudar a realidade dessas pessoas é a educação. Quanto à saúde, costumo dizer que, em todo o mundo, é um privilégio. Um país que se propõe a elaborar um Sistema Único de Saúde precisa de muita coragem e sempre será um desafio a ser incrementado.

Superintendente de Responsabilidade Social no Hospital Sírio-Libanês